

Saúde à beira do colapso

O Hospital das Clínicas simboliza, hoje, a crise profunda em que se encontra o sistema de saúde em todo o País, há muito relegado ao abandono e coítoído pela má administração e a corrupção. Esta crise talvez seja a face mais cruel da falência total do Estado brasileiro. Maior hospital da América Latina, centro de excelência que atende pacientes de todos os Estados, e que sempre foi motivo de orgulho para os brasileiros, o Hospital das Clínicas comemora 50 anos paralisado por uma greve de seus funcionários, cujas reivindicações as próprias autoridades reconhecem como justas.

Os números não deixam dúvida quanto à gravidade da situação vivida hoje pelo HC. A Associação dos Servidores daquele hospital lembra que mais da metade dos 11 mil funcionários recebem salários em torno de Cr\$ 2,8 milhões, uma remuneração extremamente baixa, mesmo para os padrões brasileiros, sobretudo se levarmos em conta que se trata de um corpo de funcionários de reconhecida competência. Record-se, ainda, que os dois mil médicos do HC atendem mensalmente 400 mil pacientes e que ali são realizadas 52 mil cirurgias. A justiça de suas reivindicações — aumento salarial de 100% e passagem do vale-refeição de Cr\$ 21 mil para Cr\$ 91 mil — é reconhecida pela própria direção do hospital, que no entanto sustenta que a greve não é o melhor caminho para os funcionários conseguirem o que pretendem.

O que se passa no HC só pode ser entendido dentro do contexto mais geral da crise que atinge todo o sistema de saúde do País. Segundo o presidente em exercício do Sindicato dos Hospitais do Estado de São Paulo, Dante Montagnana, mais de 50% dos leitos da rede privada de saúde de São Paulo estão desativados, porque são insuficientes os recursos repassados pelo governo federal. Os

números relativos à rede pública, segundo ele, devem também estar perto disso. A diária de Cr\$ 68 mil paga aos hospitais conveniados por uma internação é a seu ver “indecente”, pois com ela os hospitais têm de dar ao paciente café da manhã, almoço, lanche, jantar, serviço de limpeza e material de consumo.

O sistema de saúde vem-se deteriorando há muito tempo, sem que as autoridades tomem as corajosas providências que se impõem. O que ocorre no momento é apenas o desfecho da crise, evidente no escândalo do Inamps, setor no qual o governo perde por ano, em virtude de fraudes as mais variadas, nada menos que US\$ 1,3 bilhão. E tem mais: o orçamento do Ministério da Saúde para este ano é 30% menor que o de 1989. Isto no momento em que o Brasil, além da epidemia de cólera, se vê diante de um aumento dos casos de hanseníase, malária, Aids, dengue e febre amarela. Faltam recursos orçamentários para a saúde, mas sobram para as obras de cunho puramente eleitoral de deputados e senadores, preocupados unicamente com suas carreiras políticas.

Enquanto o sistema de saúde se aproxima rapidamente do caos, o Estado brasileiro continua sendo impiedosamente sugado por empresas estatais ineficientes e perdulárias, pela corrupção desbragada e por interesses corporativos e eleitoreiros.

O que se passa no Hospital das Clínicas é a inevitável culminação de um processo que cedo ou tarde teria de atingir o principal centro de excelência médica do País. Que a greve nesse hospital — que esperamos seja resolvida logo, para evitar maiores sofrimentos à população — sirva de advertência às autoridades. Ou as prioridades são revistas, destinando-se maiores recursos à saúde, e se reforma em profundidade todo o sistema, ou não se terá como evitar o seu colapso.